



## LIÇÃO 12

### A PACIÊNCIA DE DEUS<sup>i</sup>

Não poucos dos que têm escrito sobre os atributos divinos deixaram de lado, sem nenhum comentário, a paciência de Deus. Mas certamente a paciência de Deus é igualmente uma das perfeições divinas, como a Sua sabedoria, poder ou santidade, e igualmente digna de ser admirada e reverenciada por nós. É verdade que esse vocábulo não se acha numa concordância tantas vezes como os outros, mas a glória desta graça reflete em quase todas as páginas das Escrituras. Perdemos muito, se não meditamos com frequência na paciência de Deus e se não oramos fervorosamente, rogando que os nossos corações a ela se disponham mais completamente.

Talvez a principal razão pela qual tantos escritores deixaram de abordar, separadamente, a paciência de Deus, seja a dificuldade em distinguir este atributo da bondade e da misericórdia, particularmente desta última. A longanimidade de Deus é mencionada repetidamente em conjunto com a Sua graça e misericórdia, como se pode verificar consultando Êx 34:6; Nm 14:18; Sl 86:15 etc. Não se pode negar que a paciência de Deus é realmente uma demonstração da Sua misericórdia, e que na verdade é um modo pelo qual esta se manifesta frequentemente. Não se pode conceder, porém, que ambas sejam uma só e a mesma excelência. Embora não seja fácil distinguir entre elas, as Escrituras nos autorizam plenamente a afirmar sobre uma delas algumas coisas que não podemos afirmar sobre a outra.

Stephen Charnock define em parte a paciência de Deus assim: “É uma parte da bondade e da misericórdia divinas e, contudo, difere de ambas. Sendo Deus a maior bondade, tem a maior brandura; a brandura é sempre companheira da bondade e, quanto maior a bondade, maior a brandura. Quem houve tão santo como Cristo, e tão gentil? A lentidão de Deus para a ira é um aspecto da Sua misericórdia: o Senhor é tardio em irar-se e de grande clemência (Sl 145:8). A paciência difere da misericórdia na consideração formal do objeto: a misericórdia considera a criatura como infeliz, a paciência considera a criatura como criminosa. A misericórdia tem pena do ser humano em sua infelicidade; a paciência tolera o pecado que gerou a infelicidade e deu nascimento a mais infelicidade ainda”.

Pode-se, pois, definir a paciência divina como aquele poder de controle que Deus exerce sobre Si mesmo, levando-O a tolerar os maus e a demorar-Se a castigá-los. Em Na 1:3 lemos: “O Senhor é tardio em irar-se, mas grande em poder”, sobre o qual disse Charnock: “Os homens que são grandes no mundo sofrem rápido impulso da paixão, e não se dispõem a perdoar logo, ou a tolerar um ofensor, como alguém de nível inferior. É a falta de poder sobre o próprio ego que os leva a fazer coisas impróprias sob

provocação. Um príncipe capaz de sujeitar as suas paixões é um rei sobre si mesmo, bem como sobre os seus súditos. Deus é tardio em irar-Se porque é grande em força. Ele não tem menos poder sobre Si mesmo do que sobre as Suas criaturas”.

É aí que a paciência de Deus se distingue mais claramente da Sua misericórdia. Embora a criatura seja beneficiada por ela, a paciência de Deus diz respeito principalmente a Si próprio, como uma restrição imposta por Sua vontade aos Seus atos, ao passo que a Sua misericórdia esgota-se totalmente na criatura. A paciência de Deus é aquela excelência que O leva a suportar grandes ofensas sem vingar-Se imediatamente. Ele tem um poder de paciência, como também um poder de justiça. Assim, a palavra hebraica para “longânimo” é traduzida por “tardio em irar-se” em Ne 9:17, Jl 2:13 etc. Não que haja quaisquer paixões na natureza divina, mas que à sabedoria e à vontade de Deus apraz agir com aquela dignidade e sobriedade que são próprias da Sua exaltada majestade.

Foi para esta excelência do caráter divino que Moisés apelou, quando Israel pecou tão afrontosamente em Cades-Barnéia, e ali provocou ao Senhor tão amargamente. Disse o Senhor do povo: “Com pestilência o ferirei, e o rejeitarei” (Nm 14:12). Então foi que o mediador tipológico intercedeu: “Agora, pois, rogo-te que a força do meu Senhor se engrandeça; como tens falado, dizendo: O Senhor é longânimo” (v. 17). Portanto, a Sua “longanimidade” ou paciência é a Sua “força” ou o Seu poder de autorrestrição.

Também, em Rm 9:22, lemos: “E que direis se Deus, querendo mostrar a sua ira, e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita paciência os vasos da ira, preparados para perdição”. Se Deus imediatamente fizesse em pedaços estes vasos reprovados, o Seu poder de autocontrole não apareceria tão eminentemente; tolerando a iniquidade deles e adiando o castigo por tanto tempo, o poder da Sua paciência fica demonstrado gloriosamente.

“O Deus de paciência” (Rm 15:5) é um dos títulos divinos. Deus é assim denominado, primeiro, porque Ele é tanto o Autor como o Objeto da graça da paciência nos santos. Segundo, porque é isto que Ele é em Si mesmo: a paciência é uma das Suas perfeições. Terceiro, como um padrão para nós: veja Cl 3:12 e Ef 5:1. Quando tentado a aborrecer-se com a estupidez de outra pessoa, ou a vingar-se de alguém que o ultrajou, lembre-se da infinita paciência e longanimidade de Deus para com você.

A paciência de Deus se manifesta em Sua maneira de tratar os pecadores. Quão surpreendentemente foi demonstrada para com os antediluvianos. Quando a humanidade estava universalmente degenerada, e toda a carne havia corrompido os seus caminhos, Deus não a destruiu sem antes adverti-la (“esperava pacientemente”, 1 Pe 3:20). Deus esperou não menos de 120 anos (Gn 6:3), tempo durante o qual Noé foi “pregoeiro da justiça” (2 Pe 2:5). Assim, mais tarde, quando os gentios não só cultuavam e serviam mais à criatura do que ao Criador, mas também cometiam as mais vis abominações contrárias até mesmo aos ditames da natureza (Rm 1:19-26), e com isso encheram a medida da sua iniquidade, em vez de desembainhar a Sua espada para exterminar tais rebeldes, Deus

“permitiu que todas as nações seguissem seus próprios caminhos” e lhes deu “chuvas e tempos frutíferos” (At 14:16-17).

A paciência de Deus foi maravilhosamente exercida e manifestada para com Israel. Primeiro, Ele “suportou os seus costumes no deserto por espaço de quase quarenta anos” (At 13:18). Posteriormente, quando os israelitas entraram em Canaã, mas seguiam os maus costumes das nações ao seu redor e pendiam para a idolatria, conquanto Deus os castigasse dolorosamente, não os destruiu por completo, mas em sua angústia, levantava libertadores para eles. Quando a sua iniquidade subiu a tal ponto que ninguém, senão um Deus de infinita paciência, poderia suportá-los, Ele, não obstante, poupou-os durante muitos anos antes de deixar que fossem levados para a Babilônia. Finalmente quando a sua rebelião contra Ele atingiu o clímax pela crucificação de Seu Filho, Deus esperou quarenta anos, antes de enviar os romanos contra eles, e isso só depois de julgarem que não eram “dignos da vida eterna” (At 13:46).

Quão maravilhosa é a paciência de Deus com o mundo hoje! Por toda parte as pessoas pecam arrogantemente. A lei divina é pisoteada e o próprio Deus é desprezado abertamente. É deveras espantoso que Ele não elimine de vez aqueles que tão descaradamente O desafiam. Por que Ele não corta da face da terra o infiel insolente e o escarnecedor, como fez com Ananias e Safira? Por que não faz a terra abrir a boca e devorar os perseguidores do Seu povo, como fez com Datã e Abirão? E que dizer da cristandade apóstata, em que todas as formas de pecado possíveis são agora toleradas e praticadas sob a capa do santo nome de Cristo? Por que a justa ira do Céu não põe fim a tais abominações? Somente uma resposta é possível: Rm 9:22.

E que dizer de nós mesmos? Façamos uma revisão em nossas vidas. Não transcorreu muito tempo desde quando nós seguíamos a multidão na prática do mal, não nos interessávamos nem um pouco pela glória de Deus e só vivíamos para gratificar o nosso ego. Quão pacientemente Ele tolerou a nossa conduta vil! E agora que a graça nos tirou como tições do fogo, dando-nos um lugar na família de Deus, e nos gerou para uma herança eterna na glória, quão miseravelmente Lhe retribuímos! Quão superficial a nossa gratidão, quão tardia a nossa obediência e quão frequentes as nossas apostasias! Uma razão pela qual Deus tolera que o crente permaneça carnal é que Ele possa demonstrar a Sua paciência para conosco (2 Pe 3:9). Desde que este atributo divino só se manifesta neste mundo, Deus se empenha mais em mostrá-lo para com “os Seus”.

Que a meditação nesta excelência divina abrande os nossos corações, enteneça as nossas consciências, e possamos aprender na escola da santa experiência a “paciência dos santos”, a saber, a submissão à vontade divina e a perseverança na prática do bem. Busquemos fervorosamente a graça que nos capacite a imitar esta excelência divina. Leia Mt 5:48. No contexto imediato desse versículo Cristo nos exorta a amar os nossos inimigos, a bendizer os que nos maldizem, a fazer o bem aos que nos odeiam. Deus tolera bastante os ímpios, apesar da multidão dos seus pecados; e nós, haveremos de querer vingar-nos por causa de uma única ofensa?

---

<sup>1</sup> Fonte: PINK, A. W. *Os Atributos de Deus* (Editora Pes).